

**PREFÁCIO DE Viriato Soromenho Marques ao livro A INVASÃO DO
TURISMO DE MASSAS NO MUNDO DE HOJE (editora Âncora), com autoria de
Victor Correia**

Este livro de Victor Correia talvez pudesse ter como subtítulo a seguinte formulação “Contributo para um Livro Negro do Turismo de Massas”. Com efeito, este estudo oferece aos seus leitores uma ampla visão crítica, diversificada e profundamente analisada do panorama atual da indústria do turismo massificado- incluindo um léxico próprio -, que hoje constitui uma parte significativa da economia mundial. Para países como Portugal, o turismo é a joia da coroa do nosso PIB, com um claro estatuto de sector económico privilegiado. Para a sua pujança todos os esforços, públicos e privados, são mobilizados, muitas vezes sem atentar às consequências e impactos negativos das políticas e medidas que servem a promoção e expansão desta atividade que tem implicações com todos os sectores da vida coletiva de um país.

Esta obra combina concisão e clareza com densidade de informação empírica, muito atualizada. Mesmo para quem esteja familiarizado com os temas do turismo contemporâneo, a profusão dos temas e das fontes compulsadas nestas páginas não pode deixar de causar uma forte impressão, geradora de profunda preocupação. O leitor imparcial não deixará de reconhecer que esse sentimento de inquietação não resulta de uma eventual hipersensibilidade do Autor, a quem não falta uma aguda capacidade crítica, contudo, moderada pelo sentido das proporções e do equilíbrio. A inquietação suscitada pela leitura deste ensaio deriva da crueza da realidade aqui tão transparentemente exposta. Nos últimos vinte anos o turismo de massas passou a integrar a constelação dos problemas existenciais prementes da humanidade no seu conjunto. O seu ritmo de crescimento tornou-se vertiginosamente exponencial. Mesmo a pandemia foi apenas um episódio. Esse tempo não foi usado para fazer balanços e repensar estratégias. Portugal tem registado um aumento de turistas internacionais espantoso. 9,3% de aumento entre 2023 e 2024, com cerca de 29 milhões de clientes, superando o Japão, que tem treze vezes a população portuguesa. O que significa isso? Qual o preço que, Portugal e todos os países alavancados por essa indústria pagam pelo crescimento da procura?

Todos os indicadores de impacto do turismo de massas podem ser lidos como parte da pegada ecológica da Grande Aceleração. Este conceito integra a interpretação da nossa contemporaneidade como sendo marcada pelo choque violento entre a temporalidade da natureza e o tempo da história humana. Pela primeira vez, a vertigem das transformações do Planeta causadas pela atividade humana são o fator modelador do futuro da Terra como um todo. Por isso, as correntes mais dinâmicas das ciências do Sistema Terrestre propuseram desde o ano 2000 que considerássemos a entrada numa nova época geológica, o Antropoceno. Esta, teria surgido em meados do século

XVIII, com a eclosão da Revolução Industrial europeia, substituindo a anterior época do Holoceno, iniciada no final da última glaciaçãoⁱ. A Grande Aceleração constitui o período mais recente do Antropoceno. Ela teria sido iniciada em 1950, e a sua marca de água foi, como o nome indica, o crescimento vertiginoso dos impactos da atividade humana sobre os ecossistemas terrestresⁱⁱ. A mudança iniciada em 1750 aumentou exponencialmente depois de 1950, e em indicadores-chave como o aumento das emissões de gases de efeito de estufa, a redução abrupta da biodiversidade, a poluição por plásticos, entre outros, onde se inclui o turismo de massas como um dos agentes perturbadores mais relevantes.

Outra dimensão essencial desta obra leva-nos às esferas psicológicas e sociais do comportamento e das práticas patentes na experiência do turismo de massas. Nestas páginas verificamos a inversão dos valores. Multidões de turistas que atravessam milhares de quilómetros sem qualquer ensejo ou vontade de conhecerem o espaço e a cultura das gentes do território visitado. Um turismo endogâmico, do *all included*, da clausura dos *resorts* e dos grandes navios de cruzeiro, das ruidosas expedições em bairros históricos, perturbadas pelo álcool, completamente indiferentes ao perturbar do direito ao silêncio e ao descanso dos residentes. A complacência dos governos permite a *turistificação* dos centros históricos, a abrupta mudança de uso dos imóveis urbanos, a perda da aura dos lugares, para corresponder a uma banalização estandardizada de produtos e recordações. A magia dos lugares é estiolada pela avidez de uma procura superficial que coleciona ícones fugazes. O reverso da medalha são as resistências locais. O despertar para uma cidadania que defende o direito à urbe. Que recusa ficar dominada pela triste nostalgia de viver num lugar que já não se reconhece, despojado das marcas de familiaridade e de pertença, que todos necessitamos para nos sentirmos em casa.

Este livro também pesquisa por caminhos alternativos. Partilha com o leitor pistas para moderar, civilizar o turismo. Reconduzi-lo à sua vocação inicial de “indústria da paz”. Reviver um tempo em que o turismo era o encontro do viajante, ávido de hospitalidade, com uma cultura e comunidades diferentes, que ele respeitava e por quem era respeitado. Temos, todavia, de manter a mente aberta para os desafios da realidade, mantendo os olhos bem abertos. E, na verdade, são muitos. Portugal iniciou 2026 pagando com sofrimento e destruição o preço da crise global do ambiente e do clima, que não cessa de se expandir e intensificar. Quando atingiremos o ponto de rutura, aquele que separa a crise do colapso? E os tambores de guerra que troam por esse mundo fora? As promessas bélicas de políticos e até militares, falando de uma grande guerra nos próximos anos. Será que desconhecem que vivemos num mundo com armas nucleares e outras, também de destruição maciça? Ignoram que uma grande guerra seria uma “destruição mútua assegurada”, o início de um inferno de frio e silêncio onde o tempo já não seria capaz de gerar história? E o paradoxo da Inteligência Artificial? Na corrida mundial para ter a primazia, as mais sábias de entre as figuras tecnológicas de proa assinalam a miríade de

ameaças contidas em inovações que escapam à compreensão dos seus próprios criadores. Todavia, de entre aqueles com capacidade de decisão, ninguém ousa parar para pensar em protocolos de segurança. Ninguém quer chegar ao fim da corrida em segundo lugar, mesmo que isso seja terrível.

Poderia uma nova política pública de turismo regressar a uma matriz de bem comum? Considerar os limites éticos como um fator de valorização e não de bloqueio da oferta turística? Perceber que a desaceleração dos fluxos turísticos é uma condição essencial da sua durabilidade? Uma política capaz de gerir a procura, com critérios de qualificação e não de massificação? Programar uma gestão equilibrada dos fluxos - incluindo a decisão de estabilização quando necessário -, integrando os interesses das populações residentes de acolhimento, enriquecendo os produtos turísticos com sofisticação cultural, estimulando nos turistas um apreço por experiências capazes de serem levadas para casa e para o futuro como aprendizagens a guardar na memória e no coração? Será possível um crescimento orgânico da indústria turística, em alternativa ao atual padrão de crescimento viral, que se alimenta como uma neoplasia no corpo hospedeiro, físico e cultural, que é a sua própria razão de ser e de sobrevivência? É também sobre tudo isso que este livro de Victor Correia pensa e nos ajuda a pensar.

9 de fevereiro de 2026

Viriato Soromenho-Marques

ⁱ Crutzen, Paul J. and Stoermer, E. F. 2000. "The 'Anthropocene'". *Global Change Newsletter* 41: 17–18

ⁱⁱ McNeill, J. R., *Something New under the Sun: An Environmental History of the Twentieth-Century World*. New York: W.W. Norton, 2000; Steffen, Will, P.J. Crutzen, J. R. McNeill (2007), "The Anthropocene: Are Humans Now Overwhelming the Great Forces of Nature?", *Ambio*, Vol. 36, N°. 8, December 2007, pp. 614-621.

1 227 palavras
7 821 caracteres